

Revolta Popular*

Silvio Caccia Bava

Silvio Caccia Bava é sociólogo, coordenador executivo do Instituto Pólis e membro do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional.

Publicado em: 29/10/2003

O sentimento é antiamericano, contra as elites locais, nacionalista e popular. A resistência passiva se transforma em mobilização. De todas as partes do país os pobres marcham sobre a capital, bloqueiam suas vias de acesso, impedem a circulação, provocam o desabastecimento e tomam suas praças e ruas em mobilizações cada vez maiores. Nada consegue parar a multidão que cresce a cada dia, nem mesmo uma repressão militar e policial sangrenta, que deixa um saldo de mais de 70 mortos. Conseguem a renúncia do presidente, querem o fim das políticas que os deixaram na miséria. Esta é a Bolívia dos dias de hoje.

O sentimento é antiamericano, contra as elites locais, nacionalista e popular. As eleições varreram do cenário político os partidos tradicionais; a nova Constituição, aprovada por referendun popular, abre campo para profundas reformas num país dominado pelo latifúndio. O presidente se submete a uma nova eleição e é reeleito por esmagadora maioria, elegendo também a maioria no Congresso e a maioria dos governadores de províncias. Os jornais e os canais de televisão, dominados pelas elites, promovem mobilizações pedindo a renúncia do presidente eleito. Em resposta, as mobilizações populares em defesa do Governo são cada vez maiores. Contra uma delas franco-atiradores e a policia metropolitana, comandada pelo prefeito da capital, abrem fogo, matam 15 pessoas, ferem à bala outras 157 e responsabilizam o Governo federal pela chacina. É o sinal para o golpe de Estado. O presidente eleito é preso, o representante do patronato assume como presidente e dissolve o Congresso Nacional, destitui os governadores e prefeitos eleitos. Vinte e quatro horas depois do golpe centenas de milhares de pessoas ocupam as ruas e as praças de todo o país, as unidades militares fiéis ao Governo constitucional reassumem o controle e o presidente eleito reassume seu posto. Esse país é a Venezuela de 2002.

O sentimento é antiamericano, contra as elites locais, nacionalista e popular. Manifestações localizadas de desempregados, que se constituem em piqueteiros, começam em capitais provinciais. As mobilizações ganham maior envergadura e envolvem o cinturão periférico da capital. Em uma assembléia nacional de organizações populares, territoriais e de desempregados nasce a Frente Nacional Contra a Pobreza, que vai coordenar a revolta popular. Os desorganizados, sem bandeiras de luta e desesperados à procura de alimentos partem para os saques de supermercados. A classe média pauperizada adere às mobilizações, sai às ruas e engrossa as manifestações. O Governo decreta o Estado de Sítio e a repressão às manifestações populares provoca 31 mortes.

Estas mortes não conseguem conter as manifestações que crescem a cada dia. Querem a renúncia do presidente, querem o fim das políticas que os deixaram na miséria. O presidente renuncia e foge de helicóptero do Palácio do Governo. Essa é a Argentina de dezembro de

2001.

O sentimento é antiamericano, contra as elites locais, nacionalista e popular. Uma marcha nacional de milhares de indígenas organizados pela Confederação das Nações Indígenas, apoiada por um grupo de jovens oficiais do Exército, pede a renúncia do presidente. Esta é a maior das manifestações, mas não é a única. Em 1992, 1994, 1995 ocorreram outras marchas nacionais dos povos indígenas. Desta vez provocam a queda do Governo. Esse país é o Equador do ano 2000.

Há mais exemplos, mas seriam repetitivos. O motivo destas revoltas foi a política do Consenso de Washington imposta pelo FMI: a abertura indiscriminada dos mercados às empresas multinacionais, o que elevou o desemprego a patamares nunca vistos; a exigência de superávits primários para o pagamento da dívida externa; a precarização das políticas públicas; a privatização das empresas públicas e o aumento das suas tarifas; as transferências de recursos públicos para a empresa privada. A consequência destas políticas é o aumento da miséria e da desigualdade.

Estes movimentos são de resistência cidadã. Eles buscam garantir direitos em oposição à guerra de todos contra todos imposta pela lógica do mercado. Os governos que conseguirem interpretar e expressar as demandas desses movimentos cívicos serão governos de rupturas. Rupturas com o Consenso de Washington. Rupturas com os interesses das elites. Rupturas com as formas tradicionais de fazer política.

*Texto publicado em 18/10/2003 no Diário de S. Paulo